

## A FALA COMO DISPOSITIVO DE RESSIGNIFICAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

TALITA GONÇALVES MONTEIRO<sup>1</sup>; IAGO MARAFINA DE OLIVEIRA<sup>2</sup>; JOSÉ RICARDO KREUTZ<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [talitagmonteiro@gmail.com](mailto:talitagmonteiro@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [iagomarafinadeoliveira@gmail.com](mailto:iagomarafinadeoliveira@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jrkreutz@gmail.com](mailto:jrkreutz@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A economia solidária é uma alternativa ao sistema de produção prevalente atualmente, atuando de maneira a valorizar processos autogestionários e a apropriação pelo trabalhador de sua força de trabalho. SINGER (2000), aponta que ela é uma potencializadora do poder de luta do trabalhador, a medida que possibilita a esse a participação nas decisões - trabalho de forma democrática e igualitária - e a divisão justa do produto final de trabalho. O presente trabalho visa abordar uma das ações realizadas pelo Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária (TECSOL), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) que atende trabalhadores rurais e urbanos de Pelotas e região que fazem parte da Associação Bem da Terra (ABDT), buscando contribuir com a consolidação de empreendimentos solidários, sendo essa atividade parte integrante do edital 2015 do Programa de Extensão Universitária (ProExt), intitulado “Bem da Terra - Rede de redes - num circuito local de comércio justo e solidário”, que promove a continuidade de projetos anteriores do mesmo núcleo.

O TECSOL<sup>1</sup> é institucionalizado em 2011, pela Resolução do COCEPE nº 10 de 27 de outubro, sendo constituído por um trabalho interdisciplinar de docentes e discentes da supracitada universidade, operando de maneira atravessada pelos processos de autogestão e educação popular. Ele trabalha conjuntamente ao Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas (NESIC) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), visando auxiliar no desenvolvimento da economia solidária da região, atuando com a incubação de empreendimentos, bem como na experimentação de formas inovadoras de comercialização solidária.

O Projeto de trabalho audiovisual com os grupos surgiu mediante análise de das reuniões mensais da Associação Bem da Terra, pelo grupo de trabalho (GT) Incubação, bem como da experiência e vivência junto aos grupos de empreendimentos, onde foi levantado a necessidade de que os empreendedores solidários conheçam as histórias um dos outros, para oportunizar condições de se reconhecerem nelas, atuando através de recursos audiovisuais com a história dos envolvidos, utilizando das oratórias como dispositivos - “máquinas de fazer ver e de fazer falar” (Deleuze & CORDEIRO, 1996, p.84) - que possibilitem a identificação dos grupos e reforcem laços de trabalho e convivência dentro do campo grupal da associação.

O trabalho desses empreendedores, é na essência o trabalho manual, mas não se limita a isso, pois perpassa pelos processos de administração,

<sup>1</sup>Outras informações sobre o projeto encontram-se disponíveis em: <http://wp.ufpel.edu.br/tecsol/>

manutenção e criação de produtos e serviços, que os possibilitem se auto organizar e serem sujeitos autônomos no seu processo de produção. Em contrapartida, o trabalho manual hoje passa por processos de constante desvalorização; observamos isso quando questionamos o valor desse trabalho se ele não mais se vincula ao trabalhador e sim ao processo, e como se da essas relações em uma época em que o desenvolvimento da técnica, se sobrepõe ao homem (BENJAMIN, 1993).

A palavra de ordem<sup>2</sup> das relações de trabalho, faz com que o trabalhador manual associe seu ofício a algo frívolo, que ocupa uma posição desfavorecida no mercado de trabalho e de pouca importância social, visto que pode ser facilmente substituído por máquinas e produção em massa. O resgate dessa história pretende potencializar no grupo o valor de seu trabalho, fazendo da fala um dispositivo de ressignificações e empoderamento de experiências, para que talvez possibilite a esses trabalhadores “encontrar sua vizinha e sua zona de indiscernibilidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 64), visto que histórias são relações rizomáticas<sup>3</sup> que se encontram e desencontram em uma rede de afetos e percepções. A relação de trabalho de um indivíduo, quando contada por ele, é um potencial gerador de identificações e empatia, sendo que “existem muitas paixões em uma paixão, e todos os tipos de voz em uma voz” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11).

## 2. METODOLOGIA

A atividade se estruturou inicialmente com a proposta de realização do trabalho aos integrantes da associação, onde passou pela aprovação e opinião dos mesmos. Após formalizado a realização das gravações foi feito, junto aos trabalhadores, a escala de gravações e exibições na reunião mensal, de acordo com disponibilidade e vontade dos produtores, sendo essa participação voluntária e segundo a disponibilidade de cada um. Posteriormente a constituição da escala, o trabalho vem sendo desenvolvido em três etapas, que se sucedem e são dependentes para a efetivação da proposta junto aos trabalhadores.

A primeira etapa é a visita para captação das imagens juntos aos grupos. Essa visita é estruturada de maneira a possibilitar que os trabalhadores tenham papel fundamental na criação dos vídeos, solicitando, sempre que possível, a opinião do que será gravado e quais os processos que aquele trabalhador julga importante mostrar para os demais. O bolsista extensionista e professor orientador que acompanham o trabalho são facilitadores do processo, sendo, no momento da gravação aqueles que escutam a história contada, se interessam e levantam marcadores entre os enunciados, marcadores esses que são entendidos como potencia ao devir<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> A palavra de ordem é, em si mesma, redundância do ato e do enunciado. Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é “necessário” pensar, reter, esperar, etc (DELEUZE; GUATTARI, 1995(2), p. 14), ela agencia, nesse contexto, a subordinação de saberes e significâncias, a medida que diz ao intelector o que é interessante, relevante e esperado no campo social.

<sup>3</sup> Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas... (DELEUZE; GUATTARI, 1995(1), p.04), cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida — em suma, o rizoma é uma multiplicidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 03)

<sup>4</sup> Entende-se devir como aquilo que “a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 55).

A segunda etapa é a edição, que é feita pelos extensionistas. A participação do trabalhador da associação nessa etapa se dá de forma consultiva ao mesmo; após a primeira versão do vídeo estar finalizada é levada para que o grupo protagonista da história veja e opine, sobre o que deseja que acrescente ou retire do roteiro que será apresentado na reunião da associação.

A última etapa se dá pela apresentação do vídeo na reunião mensal da associação. Nessa etapa a fala dos protagonistas dos vídeos são elementos linguísticos produtores de sentido relevantes enquanto dados empíricos para o desenvolvimento do diálogo na assembleia da ADBT, potencializando as relações e trocas dos grupos no local, visto que a narrativa das histórias não consiste apenas em comunicar o que se viu (ou viveu), mas também em transmitir aquilo que se ouviu (DELEUZE; GUATTARI, 1995), compartilhando com o grupo e se reconhecendo no processo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até então o projeto vem se desenvolvendo de maneira satisfatória e sete, dos 37 empreendimentos de economia solidária do Bem da Terra tiveram suas histórias gravadas sendo que cinco dessas histórias foram exibidas nas reuniões da associação em vídeos com média de 10 minutos de duração. As exibições se dão em clima de visita aos empreendimentos, quando os trabalhadores são convidados a conhecer o complexo de cada grupo, pela fala de seus protagonistas que dão sentido a sua existência e coexistem com os demais integrantes da associação, sendo que essa “linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida” (DELEUZE; GUATTARI, 1995(2) p.10).

Nas exibições afetos são inferidos e enunciados de maneira sutil, sendo os vídeos percebidos como potência a empatia entre os integrantes que se reconhecem na história do outro, solidarizam-se e oferecem apoio para angústias, possibilidade de acolhida de problemas por opiniões e experiências prévias de cada integrante. O vídeo como dispositivo de afetos tem gerado discussões tanto nas exibições como nas visitas aos empreendimentos, que ao contar suas histórias tomam ciência de seu saber e apropriam-se de sua força de trabalho, sendo que “a linguagem é então definida aqui como comunicativa mais do que como informativa, e é essa intersubjetividade, essa subjetivação propriamente linguística, que explica o resto, isto é, tudo aquilo que fazemos existir ao dizer-“lo”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995(2) p.13)

Estima-se que aproximadamente 150 pessoas que participam dos grupos de economia solidária da Associação Bem da Terra sejam diretamente tocadas por esse exercício de contar e ressignificar suas histórias, e que posterior a isso os 214 consumidores ativos desse complexo também possam ter a oportunidade de tomar contato com a história de trabalho desses grupos, que são os fornecedores de produtos que compõe suas despesas mensais, fomentando assim a nova relação de consumo que propõe a economia solidária, sendo que essa vai além da relação de produtor e consumidor, visando o elo que se estabelece nesse contínuo.

### 4. CONCLUSÕES

As apresentações dos vídeos nas reuniões mensais da associação vem demonstrando implicações positivas no relacionamento dos envolvidos, e já motivou atividades conjuntas entre os produtores rurais e urbanos, no que tange a troca de conhecimento para consolidação de trabalhos. Uma outra atmosfera de

relacionamento também vem se instaurando mediante a apresentação das histórias, onde essas reuniões deixam de ser apenas práticas em relação ao trabalho que se precisa desempenhar e começam a ser um local de trocas, possibilitando uma nova camada de diálogo e horizontalidade, princípios que tangem a estruturação de uma economia justa e solidária.

Assim como a busca de um processo de trabalho autogestionário na associação, os vídeos também são trabalhados dentro dessa lógica, onde não podemos negar a limitação que perpassa o processo de edição, em que o olhar do editor, ainda que direcionado pelo grupo envolvido, é de suma importância para o produto final. Em relação a isso é importante frisar que no trabalho extensionista desse projeto é indissociável a constante manutenção e discussão dos processos de visita e edição, para que essa prática não perca o caráter de autonomia dos grupos, e seja de fato uma ferramenta trabalhada de forma conjunta, enfatizando a criação de cada complexo solidário envolvido.

Com isto concluíamos que a apropriação do trabalhador de sua história e força de trabalho é uma ferramenta importante de emancipação de classes poucos favorecidas no sistema econômico atual. A narrativa dessas histórias, e a implicação dela na vida de terceiros pode potencializar no indivíduo e/ou grupo um novo olhar para si, e ressignificar modelos agenciados pela palavra de ordem. Obtivemos também bons resultados, no que diz respeito, ao convívio e articulação, verbal ou habitual dos grupos, o que nos motiva a prosseguir com o trabalho para contar as tantas outras histórias que fazem parte dessa associação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza . BENJAMIN, W; ROUANET, S.P. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, p. 114-119, 1993.
- DELEUZE, G; CORDEIRO, E. **O mistério de Ariana: cinco textos e uma entrevista de Gilles Deleuze**. 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: volume 1**. São Paulo: Editora 34, 1995(1)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: volume 2**. São Paulo: Editora 34, 1995(2)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: volume 4**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- SINGER, P.I; DE SOUZA, A.R (Ed.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.